

X SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

05 a 06 de Maio de 2022

APROXIMAÇÕES ENTRE AS DISCUSSÕES SOBRE LIBERDADE EM SPINOZA E SKINNER

Davi Ferreira dos Santos (Programa de Iniciação Científica, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Henrique Yuzo Sato (Programa de Iniciação Científica, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Carlos Eduardo Lopes (Programa de Iniciação Científica, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: davifdossantos@gmail.com

henriquesato0100@gmail.com

celopes@uem.br

Palavras-chave: Ética. Liberdade. Skinner. Spinoza.

Geralmente, a liberdade é entendida como a ausência de impedimentos e a possibilidade de fazer o que quiser. Esse sentido tem sua gênese em Santo Agostinho, com sua defesa do livre-arbítrio, sendo fortalecido e defendido por muitos filósofos na Modernidade, e culminando na doutrina e na prática político-econômica do liberalismo. Embora predominante, essa concepção liberal de liberdade não é universalmente aceita. Dois autores que a criticam, em diferentes épocas, são B. Spinoza e B. F. Skinner. Partindo dessa afinidade, este trabalho teve o objetivo de identificar aproximações nas discussões sobre liberdade nas propostas dos dois autores. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de natureza teórico-conceitual, que buscou as discussões sobre liberdade na “Ética” de Spinoza e em “Para além da Liberdade e Dignidade” de Skinner. A fim de analisar tais obras, foram realizados fichamentos e o Procedimento de Interpretação Conceitual de Texto. Os resultados mostraram que, ao recusarem o livre-arbítrio e à autodeterminação do sujeito, Spinoza e Skinner propõem que a noção de liberdade deve ser entendida em mundo causal; ser livre significa, portanto, estabelecer certos tipos de relação com esse mundo e nesse mundo (e não negá-lo ou transcendê-lo). Esse relacionismo dá destaque a uma concepção ética de liberdade, na qual o indivíduo é pensado como controlado ou afetado pelo seu mundo, destituído de qualquer bondade ou maldade inerentes a ele, o que distancia Spinoza e Skinner de uma moral normativa (calcada em valores absolutos). Nesse sentido, as discussões sobre liberdade de ambos os autores inscrevem-se na questão de modos de viver em contexto, ou, simplesmente, na questão da boa vida. Ter uma boa vida, para Spinoza, é conhecer as causas que determinam seus afetos, livrando-se de superstições; trata-se de deixar de ser afetado pela tristeza – o que se faz por meio da razão, da organização das relações com o mundo –, dando lugar a afetos alegres. Simultaneamente, Spinoza defende que uma boa vida depende de um corpo apto à multiplicidade de relações com o mundo; trata-se de um corpo que não seja limitado e fechado em si mesmo, mas que se abre para o mundo. Já para Skinner, a boa vida depende do planejamento de relações com o mundo físico e social que: produzam reforçadores positivos naturais e independência dos outros (ligados à felicidade e liberdade); permita a variabilidade comportamental (que não é incompatível com o planejamento); e desenvolva repertórios de autocontrole (que permitem livrar-se de controles coercitivos). Conclui-se que essas aproximações não podem perder de vista as diferenças das épocas em que Spinoza e Skinner viveram, bem como as distintas tradições filosóficas que os influenciaram. Além disso, como

X SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

05 a 06 de Maio de 2022

as análises ficaram circunscritas a apenas um livro de cada autor, seria importante ampliar a discussão apresentada aqui com futuras pesquisas que considerem outras obras.